

MITOS E LEGADOS DA CULTURA GERMÂNICA: A SAGA DAS CONSTRUÇÕES TRANSGERACIONAIS

MYTHS AND LEGACIES GERMAN CULTURE: THE SAGA OF TRANSGENERATIONAL CONSTRUCTIONS

RESUMO: Este relato de experiência reúne citações de mulheres de descendência germânica, em psicoterapia de abordagem sistêmica, objetivando refletir sobre os aspectos históricos e culturais, assim como seus impactos na subjetividade. Dessa forma, identificaram-se mitos que influenciaram suas histórias: o Mito da Conquista e da Propriedade, configurados pelos interesses voltados para a terra, com fins de conservação e manutenção do poder; Mito da União bastante relacionado ao Mito do Cuidado, onde a estrutura de lealdade da família preconiza aproximação, enfrentando a vida e suas dificuldades com união, ajuda e cuidado. Os Mitos relacionados à retidão de caráter, pautando a vida na honestidade e no empenho profissional são elementos também identificados nas narrativas das pacientes, assim como as relações de gênero, visto que as mulheres aferiram desconforto ao experimentar papéis entremeados por funções tradicionalmente vinculadas aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Transgeracionalidade; Abordagem Sistêmica; Cultura familiar.

ABSTRACT: This experience report gathers citations from women of German descent, in systemic psychotherapy, aiming to reflect the cultural-historical dimensions and its impacts on subjectivity. Thus, were identified in these psychotherapy processes some important myths that influenced women's stories, such as Acquisition and Property Myths, developed by land interests, based on conservation and maintenance of power; Myth of Union, which was strongly related to the Myth of Care, since in those histories the Germanic family recommend the approximation, facing life and its difficulties with union, support and care. Myths related to the strength of character, based on honesty and professional commitment, were also elements identified in the patients' narratives. In addition, the gender aspects were mentioned by the patients, especially when they report some male's traditional roles.

KEYWORDS: Transgenerationality; Systemic approach; Family culture.

CAMILA ROBERTA LAHM-VIEIRA

Psicóloga (FACCAT, RS, Brasil). Assistente da Coordenação do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, FACCAT, RS. Docente da Rede Estadual de Ensino (RS).

E-mail: camilalahm@yahoo.com.br

FERNANDA RITTER

Psicóloga (FACCAT, RS, Brasil).

E-mail: fernanda_ritter@yahoo.com.br

LUIZA CARINA SOHNE

Psicóloga (FACCAT, RS, Brasil).

E-mail: lusohne@hotmail.com.

MARIANA GONÇALVES BOECKEL

Psicóloga (PUCRS, Brasil), Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS), Doutoranda em Psicologia (PUCRS). Docente e Coordenadora do Centro de Serviços em Psicologia do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara-RS.

E-mail: mariana_boeckel@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Cada família possui a sua cultura apresentada, sendo esta o resultado da junção cultural privada da família com a cultura mais ampla da qual fazem parte (Di Nicola, 1998). Desta forma, torna-se importante o conhecimento dos encontros interculturais destas famílias durante o processo terapêutico, pois assim o terapeuta conhece tanto a família quanto os conteúdos arraigados neste meio.

Este artigo constitui-se de um relato de experiência, ilustrado pelos elementos narrativos trazidos no espaço terapêutico, alicerçado na literatura sobre o tema da transgeracionalidade, mitos, legados e como estes aspectos repercutem na vida dos indivíduos que buscam terapia. Objetivando refletir acerca dos impactos da cultura no cotidiano psicoterapêutico – especialmente a repercussão da cultura alemã na vida de quatro pacientes, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul – este artigo representa um importante subsídio para compreensão dos fenômenos psicológicos que caracterizam e definem as especificidades sociais da comunidade local. Para situar nosso relato, cabe referir que as participantes deste trabalho são descen-

Recebido em 19/11/2011.
Aprovado em 23/01/2012.

dentes de famílias germânicas, tendo ainda como similitude o motivo aferido para busca por psicoterapia – sintomas depressivos e de ansiedade.

Os imigrantes alemães começaram a colonização no Brasil a partir de 1824 (Azambuja & Sestren, 2004), sendo que a comunidade a qual pertencem as participantes deste relato recebeu maciçamente a influência desse povo, através de valores e costumes peculiares da cultura alemã. Para Krom (2000), as influências que atravessam gerações nas famílias atuam poderosamente na vida dos sujeitos, sendo imprescindível reconhecê-las e identificá-las no percurso terapêutico para compreensão de vários conteúdos.

Grzybovski (2007) explicita que a construção dos principais empreendimentos da Região Colonial no Rio Grande do Sul está vinculada ao perfil empreendedor fortemente identificado nos colonos imigrantes europeus que se instalaram a partir do final do século XIX nesta localidade. Nesta perspectiva, também as construções relacionais e demais aspectos de natureza psicológica podem ser permeados pela bagagem cultural e familiar neste contexto. A partir da prática junto ao Serviço-Escola de um Curso de Psicologia no interior do Rio Grande do Sul, majoritariamente colonizado por imigrantes alemães, perceberam-se semelhanças entre relatos de pacientes, no que tange a aspectos de ordem cultural e transgeracional.

A leitura dos casos clínicos apresentados a seguir, atendidos na atuação terapêutica de orientação sistêmica, baseia-se na apreciação e análise das repercussões de mitos, legados e crenças familiares nas vivências atuais dos indivíduos. Segundo Telfner (2007), o *setting* terapêutico deve abrir espaço para o diálogo cultural, focando a atenção sobre o outro, levando em conta tanto a diferença quanto a contaminação cul-

tural que permeia cada encontro. Ainda conforme esta autora, o terapeuta deve considerar os sujeitos como protagonistas, concentrando-se no “conhecimento intercultural” que se cria no encontro, partindo de uma relação que tenta respeitar as diferenças e observá-las na dinâmica das relações.

O espaço psicoterapêutico é um cenário propício para desvelar as nuances das construções relacionais estabelecidas em nossas vidas e as interpretações que fazemos acerca de nossas vivências. Assim, os elementos culturais contrastam com aspectos individuais e familiares trazendo a tona características bastante peculiares do contexto onde somos criados e construímos nossas relações e significados.

Nas seções a seguir, serão apresentadas vinhetas clínicas acrescidas de uma leitura que prima, majoritariamente, por reportar-se aos elementos da história familiar das pacientes, através da análise dos elementos culturais e transgeracionais arraigados na trama familiar e presentes em suas construções atuais no espaço terapêutico. Cabe salientar que os casos analisados neste estudo constituem-se unicamente de mulheres, visto que, no Serviço-Escola onde o mesmo foi realizado, este público configura a maior demanda de busca por psicoterapia entre os adultos.

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NO SERVIÇO-ESCOLA

Os casos que compõem este estudo resultam do acompanhamento psicológico prestado na modalidade de atendimento clínico individual, de orientação sistêmica. Este processo tem início quando o paciente contata o Serviço-Escola e preenche uma ficha, onde são registrados seus dados de identificação e motivo da busca pelo

serviço. Posteriormente a esta etapa, os estagiários procedem à triagem, onde a demanda que motivou a busca pelo atendimento é explicitada com maior detalhamento, também sendo compreendida a configuração familiar, história pregressa, entre outras informações. Com base nestes elementos, formula-se a indicação terapêutica mais adequada ao caso, dentre as quais se disponibilizam: psicoterapia individual, psicoterapia familiar, além de grupos terapêuticos. Conjuntamente, paciente e estagiário refletem acerca das modalidades e decidem a mais concernente. A partir disso, inicia-se a modalidade de psicoterapia definida.

O levantamento realizado a partir dos casos deste estudo se baseou nos registros dos atendimentos psicoterápicos que são produzidos por meio de relatos dialogados transcritos pelas terapeutas logo após as sessões. Além disso, este trabalho teve-se em especial aos elementos culturais evidenciados, sendo percebida a preponderância da cultura aliada ao sofrimento, bem como relações de gênero comuns entre as colocações das pacientes. Assim sendo, os casos descritos no presente artigo referem-se a relatos de quatro pacientes do sexo feminino, oriundas de famílias de descendência germânica. Ressalta-se que as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que prevê o uso de dados coletados nos atendimentos para composição de artigos e outros materiais de cunho científico.

VINHETAS CLÍNICAS: LEGENDAS DE ELEMENTOS TRANSGERACIONAIS

Os casos aqui contemplados elucidam a expressão dos elementos culturais, construídos e passados de geração em geração na narrativa das pacientes

atendidas na clínica psicológica, salientando as intrincadas repercussões destes aspectos na vida dos sujeitos. Diniz e Romagnoli (2008) enfatizam o diálogo e a conversação como práticas transformadoras e, com este entendimento, vê-se a relevância de uma análise das repercussões de histórias familiares dos pacientes em seus discursos. Desta forma, explicita-se um pequeno esboço explicativo de cada uma das pacientes a que o artigo se refere.

Caso A – Paciente de 45 anos, recasada, mãe de dois filhos adolescentes, encaminhada para atendimento individual após um período de terapia familiar. Apresentava episódios de intenso sofrimento, com características de quadro depressivo e de ansiedade, além de repercussões psicossomáticas (problemas nas articulações). Seu processo terapêutico centrou-se basicamente em aspectos transgeracionais, os quais traziam repercussões em seu relacionamento familiar. Em seu discurso, preponderaram elementos de autoexigência bastante acentuada, diferenças entre homem e mulher na sociedade e a necessidade de “parecer bem” por preocupar-se com a opinião alheia.

Caso B – Paciente de 63 anos, solteira, aposentada, apresentando como queixa inicial a necessidade de acompanhamento devido ao seu quadro depressivo, o qual teve início a partir de reiteradas perdas vivenciadas pela mesma, dentre as quais o suicídio de dois irmãos, um há quatro e outro há 8 anos e a morte da mãe. Além disso, referia dificuldade de “dizer não” aos outros e manifestava preocupação com os “rótulos” recebidos no julgamento alheio. Tinha crises de choro, dificuldades para dormir e rememorava episódios dolorosos de seu passado, em especial os conflitos com o pai, tendo recebido diagnóstico de depressão por psiquiatra, fazendo uso de medicação.

Caso C – Paciente de 47 anos, viúva, autônoma, procurou psicoterapia devido a um processo de luto que passava após a morte do marido, morto em um assalto. Além disso, a paciente apresentava padrões rígidos de comportamento, o que a impossibilitava de aceitar ajuda de familiares e amigos por “não poder demonstrar fragilidade e não conseguir negar ajuda aos outros”. C morava sozinha e referia “não contar com ninguém para dividir suas dores”. Além disto, havia uma intensa preocupação com a opinião das pessoas a seu respeito. Evidenciavam-se características depressivas devido ao processo de luto, assim como à sua rede social empobrecida.

Caso D – Paciente de 28 anos, solteira, com filho pré-adolescente, fruto de um relacionamento de cinco anos cujo rompimento decorreu de uma traição por parte do companheiro no período em que descobriu a gravidez. Apresentava como queixa principal o “medo do novo e da opinião dos outros sobre sua conduta e jeito de ser”. Demonstrava retraimento e evitação de determinadas interações sociais. Referia continuamente a necessidade de “parecer sempre bem”, o que menciona ter aprendido com modelos familiares femininos presentes em sua criação. Morava na casa da mãe com seu filho, trabalhando e sustentando financeiramente a casa.

Os casos citados revelam especificidades acerca do papel feminino, tópicos relacionais como conjugalidade, parentalidade, além da construção bastante explícita de mitos e legados familiares. Ademais, o caráter emocional das dificuldades relatadas pelas pacientes em suas motivações para iniciar psicoterapia, corrobora estudos atestando que as mulheres buscam atendimento psicológico mais do que os homens, evidenciando maior facilidade de ex-

pressar seus conflitos (Campezatto & Nunes, 2007). Nos próximos tópicos, serão apresentados os principais elementos discursivos narrados pelas pacientes, aludindo a aspectos de natureza transgeracional. Cabe pontuar que o trabalho com elementos discursivos e narrativos mostra-se muito eficaz para o autoconhecimento das pacientes. Para trabalhar estes elementos no processo terapêutico foram empregados questionamentos sistêmicos, além do uso de recursos narrativos, dentre os quais: cartas, fotografias e gravuras ilustrativas sobre como se viam, se veem e pretendem ver-se; linha da vida; conto terapêutico, entre outros. Em síntese, o processo terapêutico primou pelas reedições das histórias de cada paciente, lançando um olhar diferente daquele que lhes foi ensinado.

MITOS E LEGADOS FAMILIARES: O PASSADO PRESENTE NOS DISCURSOS DAS PACIENTES

Considerando o viés relacional sistêmico da atuação clínica em questão, foram utilizados diferentes tipos de questionamentos junto às pacientes, com o intuito de compreender as relações entre as situações relatadas e seu contexto de origem. Utilizaram-se perguntas lineares, circulares, estratégicas e reflexivas (Tomm, 1988) com o intuito de entender possíveis repercussões de mitos, legados e demais elementos culturais/transgeracionais impregnados no discurso das participantes.

No contexto clínico de orientação sistêmica, costuma-se fazer uso de alguns instrumentos que permitem uma significativa apreciação das influências no ciclo de vida familiar. O genograma é um dos instrumentos de avaliação e intervenção que proporciona aproximação com o tecido de transmissão fa-

miliar tramado de geração em geração. Inserido na conversação terapêutica, este recurso transpassa suas origens funcionalistas, transformando-se em um recurso de compreensão colaborativa (Kruger & Werlang, 2008).

Na mesma proposição, o ciclograma proposto por Krom (2000) propicia uma leitura nítida e significativa, pois explicita eventos assinalados nas diversas gerações da família, em uma linha do tempo com intuito de assinalar as influências intergeracionais. Em termos de análise, cabe salientar a distinção entre a transmissão inter e transgeracional. Enquanto a primeira está pautada na questão da transmissão entre pais e filhos, a segunda refere-se aos fenômenos intrincados nas diversas gerações componentes das famílias, que metaforicamente representariam uma *assembleia de cidadãos* em permanente atividade no mundo interno das pessoas (Falcke & Wagner, 2005).

Kruger e Werlang (2008) mencionam que na construção do genograma, enfatiza-se a busca de oportunidades para re-historiar as experiências vividas. O que vai determinar se o que trazemos de geração em geração é uma perpetuação da tradição ou um fardo a ser carregado também configura um objeto de análise do presente artigo. Assim, pode-se dizer que as pautas determinadas pela mitologia familiar dos sujeitos traçam um percurso que perpassa gerações, trazendo influências na personalidade dos indivíduos das diferentes famílias.

Como assinala Linares (2008), a personalidade pode ser entendida enquanto dimensão individual da experiência relacional acumulada, em diálogo entre passado e presente, e duplamente contextualizada por um substrato biológico e um marco cultural. É importante considerar a família enquanto território de negociação

narrativa, de onde resultam os mitos, nos quais coexiste um clima emocional e “elementos cognitivos, que são os valores e as crenças, e elementos pragmáticos, que são os rituais” (Linares, 2008, p. 32).

Prosseguindo, Linares pontua que mitologia e organização familiares se condicionam mutuamente, uma vez que ensejam um marco relacional para construção e o desenvolvimento da personalidade dos membros que compõe este sistema. No percurso da vida familiar e no ciclo de vida de cada um, experiências intensas e repetidas ganham significado, sendo organizadas psicologicamente por similaridade, adquirindo um sentido único, isto é, um núcleo de sentido. Quando se forma este núcleo assegurando uma identidade específica está-se gerando determinada concepção de mundo, o que seria um *Mito Familiar* ou *Individual* (Krom, 2000).

Guedes (2006) refere que a psicologia busca desbravar o caminho oposto da compartimentalização de saberes, mediante diversas compreensões do mesmo sujeito, percebido em seus aspectos biopsicossociais. Desta forma, o componente transgeracional trazido nos relatos da paciente A reforçam a maneira como são percebidas as relações de gênero na cultura germânica, onde “os homens ganham a terra e a mulher cuida do lar” visto que ela constantemente se propunha a providenciar coisas para o filho adolescente em detrimento de prover algo à filha. As atribuições de gênero podem variar entre as culturas, visto que estas atribuem papéis distintos ao homem e à mulher, podendo haver assimetria no papel atribuído ao gênero (Andolfi, 2002). Sendo assim, a cultura será a responsável por moldar a forma como homens e mulheres irão se comportar e pensar (Strey, 2007).

Conforme Azambuja e Sestren (2004), a mulher de origem alemã, dita como boa dona de casa, deveria saber limpar, cozinhar, lavar, costurar, bordar, tricotar, matar e preparar animais, cuidar da criação e da horta, ajudar seu marido em seu trabalho e cuidar da educação dos filhos. Ao homem cabia acompanhar a família na vida social, construir a casa e prover o sustento da família. Estas considerações acerca das especificidades e nuances no que tange às relações de gênero, são também mencionadas por Engelmann (2007a) quando trata sobre os hábitos e costumes dos colonizadores da região do Vale do Paranhana, onde as mulheres tinham na vida social a oportunidade de reunir-se, mas sempre em torno do ideal comunitário. Os grupos de senhoras eram vinculados à igreja e suas representantes engajavam-se a serviço da comunidade, atuando também em trabalhos manuais e artísticos, como os Corais. Dentre as pacientes analisadas, todas traziam em suas narrações passagens onde prevalecia a preocupação com o outro (seja para fornecer auxílio ou por temer seu julgamento).

Através dos Corais foram organizadas as Sociedades de Canto, pautadas na premissa de que o povo de origem alemã “canta tanto no auge da alegria como nas ânsias da tristeza, tanto no lar de origem como na pátria nova” (Engelmann, 2007b, p. 407). Nestas sociedades transcorriam atividades culturais e desportivas e a estruturação destes locais se dava por meio de regulamentos e normas rígidas, onde associados podiam ser suspensos por brigas dentro do clube e somente poderiam trazer convidados se estivessem quites com a tesouraria. A paciente B manteve-se vinculada ao Coral de Senhoras e às ações comunitárias com fins assistenciais dos quais fazia parte mesmo após a perda

dos irmãos e com o quadro depressivo que enfrentava. Ela relatava sentir-se útil e contente quando envolvida nestas atividades. Conforme as ideias trazidas pelo historiador Engelmann e também elucidado pelas passagens da paciente B, vê-se cultivado o legado de “cantar” mesmo em meio à tristeza, permitindo-nos inferir uma propensão a amenizar o sofrimento.

De maneira geral, conforme aponta Schneider (2004), o que caracteriza as relações sociais de povoados aglomerados do meio rural seria a observância de valores e normas sociais rígidas, além da coersão moral pública que cimenta a vida comunitária local. Como se pode constatar nas narrativas das pacientes de origem germânica que participaram deste estudo, todas evidenciam, em certa medida, as repercussões de legados transmitidos transgeracionalmente, tanto sobre relações de gênero, como também no que tange à rigidez presente em seus costumes. A mulher prendada, comprometida com a família e com o engajamento comunitário, configura a gama de expectativas que se colocam como sina nesta saga das famílias colonizadoras e é também experimentada pelas pacientes referidas no presente artigo.

Conforme estabelece Krom (2000), há pessoas que exercem uma influência poderosa na família, como a *Figura Mítica na Família* e os *Guardiões do Mito* que demarcam um caminho a ser seguido, mostrando-se fonte de poderosos recursos para os demais em momentos de crise e dificuldades pessoais e familiares. A atribuição de significado às experiências que marcam nossa trajetória desde os antepassados dá um sentido próprio à história e experiência pessoal de pertencer e se identificar com o grupo familiar. Nesta perspectiva, mesmo narrando suas vivências presentes, as pacientes

reportam-se ao passado para justificar condutas “aprendidas” com figuras significativas de suas famílias.

Assim, partindo de uma narrativa que percebe a identidade em estreito contato com a organização e a mitologia dos sistemas de pertencimento e muito especialmente da família de origem, podem-se mencionar como duas grandes dimensões que definem nossa atmosfera relacional a conjugalidade e a parentalidade. Estas duas dimensões, por sua vez, delimitam três áreas de disfuncionalidade: as triangulações, as privações e as caotizações, sobre as quais diversas problemáticas assentam suas bases (Linares, 2008). A paciente B relata aspectos transgeracionais com relação à desvalorização da mulher que não se casa, “que não troca de sobrenome”, sendo esta uma das causas que ela atribui ao quadro depressivo. Acompanhando estas impressões, as pacientes A, C e D trazem excertos discursivos que mencionam extrema autoexigência, com elevadas expectativas sobre seu desempenho, facilmente atribuindo culpa e desvalor a si próprias diante de acontecimentos negativos ou assinalamentos de outrem. Corroborando com estes achados, Linares (2008) afirma que os transtornos depressivos “respondem a uma pauta relacional presidida fundamentalmente pela exigência e falta de valoração ou desqualificação” (p. 39).

O que também é transmitido no espaço familiar de onde somos oriundos são os padrões de interação recíproca, nos quais dos triângulos com os próprios pais emergem potenciais e limitações nos relacionamentos futuros. Esta repetição no modo de relacionar-se pode ser identificada em expressões como “sou agarrada com meu filho da mesma maneira que minha mãe era com meu irmão” ou ainda “me acostumei a ver meu pai resolver

tudo, agora meu marido me deixa nervosa, afinal de contas ele é o homem da casa” (Krom, 2000, p. 64). A paciente D referia seguidamente se dar conta de estar “copiando” ações e cultivando pensamentos similares às mulheres de sua família, que não se permitiam fraquejar e toleravam com submissão e resignação as imposições masculinas.

Como se pode notar, os padrões emocionais experienciados com os pais podem gerar vícios emocionais, sob a forma de expectativas e reatividade a certos indivíduos e relacionamentos que são renegociados na vida adulta, em especial, no casamento (Krom, 2000). Na tentativa de construir um novo casamento, a paciente A experimentou significativa estranheza com o fato de o companheiro deixar a cargo dela o controle do orçamento familiar. “Na minha casa era meu pai que fazia isso”, referia. Já as pacientes C e D desenvolveram condutas comportamentais e repercussões emocionais de mulheres “enviuvadas” que não deviam se relacionar novamente com outros homens após perderem seus companheiros. No caso D, esta identificou nas referências maternas de sua família, expressas no genograma, que as mulheres entendiam que deviam se manter como viúvas ilibadas em respeito à memória dos finados maridos. Ela não perdera o companheiro, mas recusou-se a casar, após descobrir a infidelidade do pai de seu filho quando grávida, conduta também recriminada em sua família, cujas esposas “faziam vista grossa para preservar o casamento e a família”. A partir disso, sentia dificuldade no estabelecimento de interação social com sexo oposto, referindo extremo “medo do novo”. Até porque “o novo”, em sua construção de significado, estaria atrelado à sina de fazer diferente de sua família – o que referia lhe gerar intenso desconforto.

Esta característica de temer o novo também foi apontada pela paciente C. Já a paciente B referia que seu pai manifestava extrema resistência ao uso de recursos “novos” como telefone celular, computador e caixa eletrônico. Pode-se inferir que essas manifestações relacionam-se à rigidez comentada por Schneider (2004) quando salienta aspectos das relações sociais de localidades colonizadas por imigrantes germânicos, denunciando tentativas de manutenção da homeostase cultural.

Partindo da definição de Falcke e Wagner (2005) de que a transgeracionalidade é o fenômeno de perpetuação da família por meio da transmissão de seus legados de geração a geração nas culturas mais diversas, encontra-se a ideia de repetição, reedição e reprise de determinados processos familiares. Esta intrincada rede de relações constitui a família, onde nascemos, crescemos e de onde saímos para o mundo para construção de outra família e repetição do ciclo natural. Este sistema, no qual todos interagem e possuem uma função, revela interdependência de três gerações: a nossa, a que nos gerou e a que gerou nossos pais, configurando assim a linha da trigeracionalidade (Groisman, 2006b). Na apreciação do genograma da paciente D, esta se surpreendeu ao deparar-se com reiterados casos de problemas conjugais nas diferentes gerações de sua família. Em todos esses, as mulheres permaneceram casadas mesmo a duras penas. Ela, no entanto, após descobrir uma traição do companheiro, optou pela separação. A análise no espaço terapêutico permitiu que D visualizasse as repercussões das condutas femininas em sua família.

O fenômeno da trigeracionalidade é comparado às vozes familiares que temos gravadas, trazendo a cultura,

valores e moral das gerações anteriores e influenciando nossas direções e escolhas (Groisman, 2006b). Conforme o autor, estas vozes se tornam mais intensas na medida em que tentamos fugir delas. A construção dos significados dos mitos e memórias da família está diretamente relacionada e de acordo com o lugar em que seus membros vivem e daqueles que lembram (Di Nicola, 1998). A paciente D referia extremo desconforto ao “tomar um rumo diferente” das mulheres de sua família e identifica o aprendizado de que as mulheres “devem parecer sempre bem” para manutenção do lar e da família. Demonstram-se assim as passagens teóricas que mencionam a responsabilidade das mulheres de descendência alemã, naquele contexto, de amenizar a estranheza da nova terra, ou seja, tinham que se mostrar bem, pois assim fariam com que os membros de sua família se sentissem da mesma forma (Azambuja & Sestren, 2004).

Krom (2000) postula que, com o passar dos anos, os sujeitos angariam experiências, respondendo a expectativas individuais que se formaram, gerando mitos individuais. O estudo dos mitos, segundo relata a autora, pode ser visto na imagem metafórica da ponta de um *iceberg*, pois muito há para ser explorado neste território. Como se vê, as relações com a família vão representar a base do comportamento futuro.

As experiências vividas que envolvem cultura, moral e valores acabam por influenciar as decisões do sujeito (Falcke & Wagner, 2005). Para Zordan, Falcke e Wagner (2005) o processo transgeracional implica em trazer os modelos familiares e sociais experimentados como bagagem. O termo “bagagem” foi utilizado pela paciente B para fazer menção ao peso de certas vivências que carregamos

(ela mencionou sua vida como uma bagagem – referindo que “abandonamos o passado para seguir em frente”, empregando o termo bagagem como metáfora).

Assim, os padrões e formas de relações são conhecidos, mesmo que estes modelos sejam repetidos, criados ou transformados. Nadalin (2007) comenta algumas especificidades dos estudos de grupos familiares imigrantes, mencionando entre as metodologias para exame de aspectos da vida dos imigrantes a avaliação do comportamento associado à sexualidade dos jovens de gerações passadas, referindo que este recurso fornece evidências pelo estudo dos intervalos entre o casamento e o nascimento do primeiro filho. A paciente D relatava o desconforto da família quando se divorciou ainda na gestação do primeiro filho; enquanto que a paciente B relatava o estranhamento da família pelo fato de ter optado por não se casar e “somente namorar” mesmo com idade avançada.

Os mitos familiares, disseminados entre as gerações, podem ser tanto construtivos como desorganizadores, na medida em que geram aumento do estresse familiar, “provocam ansiedade, rupturas, coalizões, distanciamentos físicos, condutas depressivas, de alienamento e drogadição, entre outras” (Krom, 2000, p. 13). Segundo esta autora, é frequente que os mitos criem condições para o estabelecimento de estigmas e profecias familiares.

A paciente D refere que nunca recebera festas de aniversário, pois sua família entendia que estes festejos “esbanjavam dinheiro”; atualmente referiu certo desconforto ao realizar a comemoração de aniversário do filho, no entanto assim o fez, contrariando a história familiar. A paciente B relatava a dificuldade do pai, ex-combatente germânico, em aceitar as com-

pras “à prestação” e os gastos com festas e passeios. “As coisas tinham que durar”, dizia ele à filha. Oriundos de uma história repleta de privações, desbravando terras onde imperava a incerteza do amanhã, certamente estas questões repercutem na vivência cotidiana dos integrantes das famílias imigrantes.

Hillebrand (2006) pontua que a complexidade das relações humanas, seu simbolismo, crenças e valores influenciam de forma decisiva o desenvolvimento de todos os povos. É um engano acreditarmos que, quando nascemos, está se iniciando uma nova história, pois entramos em uma história que já está sendo escrita há várias gerações (Groisman, 2006b). Neste viés, Krom (2000) traz à tona a questão dos mitos familiares, cuja força seria posta a prova em momentos cruciais do ciclo de vida das pessoas, podendo ser maximizados ou minimizados. As pacientes cujos casos balizam o presente estudo apresentaram especificidades na etapa de vida que influenciou sua busca por psicoterapia: A (recasamento e adolescência dos filhos); B (perda dos irmãos e velhice); C (perda do companheiro, conflitos familiares); D (rompimento amoroso e pré-adolescência do filho).

O impacto das questões transgeracionais ocorre em pontos específicos do percurso familiar ao longo do tempo, em etapas do ciclo evolutivo vital, nas quais o sujeito se depara mais concretamente com as questões da sua família de origem (Falcke & Wagner, 2005). Groisman (2006a) coloca que no decorrer da vida as pessoas vão colocando uma máscara protetora, profissional, social e familiar que muitas vezes converte-se numa camisa-de-força difícil de ser removida, tamanha intensidade de incorporação a sua personalidade. Isto demonstra a

resistência à mudança presente nas colocações, interpretações e ações das pacientes, principalmente pelo fato de fazerem parte de famílias que tiveram de resistir a muitas adversidades durante toda a sua história de vida.

Em seu trabalho acerca da mitologia familiar, Krom (2000) assinala que nas famílias extensas (aspecto comumente marcante das famílias imigrantes), por norma familiar, ao primogênito devem ser destinados todos os deveres de propriedade, cuidados e obrigações. Este “herdeiro” deveria deter a lealdade incondicional a todos os outros membros da família. Neste sentido, Piva (2008) descreve a temática da transmissão transgeracional percebendo o sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais. Tais experiências podem enriquecê-lo ou torná-lo prisioneiro de uma história que não é sua.

A forma com que o indivíduo recebe e apropria-se do que foi herdado a partir da sua perspectiva, tornará este processo único, singular. Krom (2000) pontua que por meio de casos clínicos e com corpo teórico consistente pode-se tanto identificar e reconhecer os mitos quanto trabalhar preventiva e terapeuticamente com eles.

Há um equilíbrio invisível entre as necessidades familiares e individuais, sendo que estamos em uma luta constante para construir a nossa individualidade sem cortar a relação com a família de origem (Groisman, 2006a). Este mesmo autor reforça que ao terapeuta compete à função de auxiliar a pessoa a se desmascarar, permitindo entender e traduzir emoções em palavras. Com as pacientes A e D foram utilizadas técnicas narrativas como o cartaz “Quem é (A/D) ontem, hoje e amanhã?”, para poderem externalizar questões com as quais há muito tempo não se deparavam ou nem haviam pensado a respeito (quem sou

eu?, o que gosto?, o que quero para mim? etc.). Ambas relataram não “se enxergarem” mais, visto que suas rotinas haviam incorporado um ritmo de trabalho e dedicação aos filhos que as impedia de pensar questões como autoestima, sexualidade, trabalho, entre outros aspectos de suas vidas.

Conforme Zordan, Falcke e Wagner (2005), as mensagens explícitas ou implícitas, transmitidas transgeracionalmente por nossos antecessores, estão diretamente relacionadas com a escolha conjugal, que aparentemente é livre e espontânea, e ao significado que destinamos à família. “A maior parte das pessoas diz durante anos aos amigos, terapeutas e cônjuges o que deveria ter dito aos pais e aos irmãos, mas nunca disse” (Andolfi, 2002, p. 74). Os casos aqui referenciados explicitam as nuances deste apontamento: A recasou-se, B nunca se casou e D criou o filho sem o companheiro, contrariando as tradições e mitos que perduravam na família com relação ao papel da mulher.

Para Andolfi (2002), quando os pacientes chegam preparados para deparar-se face a face com problemas muito críticos com pais e irmãos, reportando-se aos contextos onde surgiram, podem ser esclarecidos e eliminados alguns véus que impedem a compreensão de relacionamentos com parceiro e filhos. Essas problemáticas comumente são descortinadas no contexto terapêutico, como se vê nas histórias narradas por todas as pacientes que trouxeram elementos centrados em pessoas com acentuada influência nas famílias (pais, irmãos, avós), cujas figuras míticas (Krom, 2000) desvelavam as repercussões em suas personalidades e nas impressões que tinham acerca do caminho a ser seguido em suas vidas.

As mulheres oriundas de famílias de

origem germânica, aqui referidas, tiveram seus caminhos demarcados por mitos e legados explicitando elementos comuns aos descritos por autores que teorizaram sobre a dinâmica das famílias de imigrantes europeus e seus ascendentes no Brasil. Ao tematizar sobre processos migratórios, e analisando sua repercussão na constituição e administração das empresas familiares, são apontados elementos internos da família e da lógica mercantil, tidos como influenciadores no modelo de gestão, no cotidiano e no pensamento gerencial que orienta os negócios através das gerações. O retorno ao passado intenciona a compreensão do presente, orientado pelo processo de aprendizagem transgeracional, tendo como tema central o empreendedorismo, reconhecidamente uma característica dos povos imigrantes (Grzybovski, 2007).

A importância de análises desta natureza está alicerçada na observação de que os imigrantes desenvolveram estratégias econômicas, sociais e familiares de sobrevivência e prosperidade em relação à ausência de infraestrutura básica característica do cenário encontrado no período da colonização (Grzybovski, 2007). Conforme Engelman (2007a), quando os primeiros imigrantes chegaram à “nova terra”, viram que ela não era aquilo que lhes foi dito. Estas pessoas tiveram que desbravar a nova terra, abrindo as matas, cortando as árvores para poder construir suas casas. Com a imigração, mudando-se para um local desconhecido, todo o poder mítico das famílias imigrantes seria mobilizado (Krom, 2000).

Surgem aí os conteúdos míticos, que são reavaliados e acrescidos de outros sentidos diante de situações difíceis. Estas ocasiões podem ser tanto uma separação entre as pessoas, vivenciadas em decorrência do rompimento

de casamentos, como também no caso dos filhos que vão para cidades mais prósperas ou mesmo com a morte, fase em que a família se mobiliza para preencher o vazio, direcionando cuidado aos que ficaram (Krom, 2000). A paciente B elucida esta passagem, visto que com o suicídio dos irmãos engajou-se no cuidado dos sobrinhos, mesmo sentindo-se fragilizada. Segundo seu relato, ela, também, apresentou significativa melhora em seu bem-estar geral a partir do envolvimento em atividades junto a grupos comunitários de caráter cultural e beneficente (Coral, Grupo de Senhoras).

Além do engajamento expresso em sua aderência ao processo terapêutico, a paciente do Caso B pode valer-se de uma extensa rede de apoio social (amigos, familiares, grupos que participava na comunidade), a qual até então era desconsiderada por ela, fato que certamente beneficiou sua melhora. Também a paciente do Caso A, ao envolver-se em atividades de artesanato junto a um Grupo de Mães apresentou significativa melhora no quadro de somatizações, ansiedade e episódios depressivos, além de relatar que “gostava de falar com outras mulheres sobre a vida de casada, de mãe...”. Sabe-se do importante impacto da rede social pessoal na saúde biopsicossocial, sendo pontuada uma correlação positiva entre qualidade da rede social e a qualidade da saúde (Sluzki, 2006). Assim, com as lentes sistêmicas direcionadas para a incorporação do modelo de rede, indivíduo e família com quem trabalhamos clinicamente são inseridos em seu meio social (Sluzki, 2006).

Por sua vez, as investigações sobre a mitologia familiar auxiliam no esclarecimento de questionamentos acerca do que vem do outro, o que é transmitido pelo outro, o que transmito, a que me submeto, qual benefício e malefício en-

volvidos nisso (Henriques & Gomes, 2005). Nessa perspectiva, a construção dos mitos familiares e sua significação na transmissão psíquica entre gerações comumente favorecem o segredo familiar, onde “os não-ditos” são tidos como “formas de paralisação e sintoma, podendo também encerrar uma possibilidade criativa de transmissão e identificação para o sujeito” (Henriques & Gomes, 2005, p. 1). A paciente C trabalhou em terapia questões relativas à transgeracionalidade e a forma como ela se submetia a determinadas situações, o que transmitia aos outros e como percebia a presença do outro em suas vivências. Ela se deu conta da rigidez que imperava em sua vida e passou a implementar gradativamente ações de mudança no cotidiano por meio da reflexão acerca dos mitos que cultivava.

Enquanto sistemas explicativos das famílias, os mitos cultivados influenciam os legados familiares, os quais são tidos como fenômenos que revelam às gerações seguintes os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade (Falcke & Wagner, 2005). A obra de Engelmann (2007a) retrata fortemente a presença de figuras míticas e legados preservados no ideário infantil germânico, como se pode perceber quando relata sobre o Natal nas colônias alemãs daquela época, onde o Papai Noel fazia cobranças acerca das travessuras cometidas pelas crianças durante o ano e as recebia com uma vara de marmelo. Segundo o autor, alguns familiares diziam que as crianças “não haviam se comportado bem” e assim, após algumas varadas, as crianças cantavam versos e orações recebendo o abraço do “Bom Velhinho” e o esperado presente (Engelmann, 2007b, p. 471). A cobrança pela “boa conduta” em especial no que tange ao papel feminino foi expresso por todas as pacientes em psicoterapia.

Kruger e Werlang (2008) apontam que, a partir da análise transgeracional expressa no genograma, os pacientes vão abrindo portas que auxiliam a tecer novas narrativas de si mesmos e de suas famílias. Assim, o recurso do genograma no espaço conversacional terapêutico permite a co-exploração, clarificação e expansão dos significados que emergem das histórias que as famílias contam e que afetam sua dinâmica relacional. Na exploração do genograma a paciente D percebeu que, ao romper seu relacionamento com o pai de seu filho, passou a se ver unicamente “como mãe”, parecendo negar e resistir a outros papéis, num claro exemplo de comportamento cristalizado e afetado pelos legados familiares.

No que concerne à influência das famílias de origem sobre as relações conjugais, o terapeuta italiano Andolfi (2002) postula que a característica comum em estudos descritos diz respeito à diferença substancial de gênero, onde nota-se que a mulher frequentemente dirige o processo de construção social da relação. “A mulher é o esteio (...) o alicerce da família” – fala da paciente A. Esta paciente descreve a função da mulher de origem germânica naquele contexto, já que, conforme Azambuja e Sestren (2004), cabia às mulheres atenuar a estranheza da nova vida dos imigrantes alemães, isto era realizado através da sua presença, da sua companhia e do seu trabalho como dona de casa.

Cabe recordar os estudos acerca do conceito “gênero” desenvolvidos por Joan Scott (1990), ela destaca a importância da historicidade social, cultural, política na apreensão desse conceito. Scott (1990) amplia a visão de gênero, defende a contextualização do conceito, salienta as relações sociais implícitas com base nas diferenças entre os sexos, destaca gênero como alternativa

primária para significar as relações de poder. Desta forma, gênero passa a ser compreendido, neste artigo, como intrinsecamente relacionado ao momento histórico desta população; aspectos culturais, sociais, políticos, ideológicos faziam parte da necessidade de delimitar as diferenças entre os sexos, e, principalmente, de explicitar as relações de poder entre homens e mulheres.

A construção dos sentidos e significados com relação aos papéis de homem e mulher nas famílias e na sociedade, bem como a transformação dos mitos, iniciou-se com estudos focalizando a sociedade europeia e colonial brasileira a partir do século XV (Krom, 2000). A autora assinala que a família se constituía mais em uma realidade moral e social do que sentimental, confundindo-se com a prosperidade do patrimônio e a honra do nome. A paciente B retrata em suas narrativas este significado histórico difundido entre os imigrantes alemães, visto que o pai a repreendia por nunca haver casado, não ter “mudado de sobrenome” e não ter tido descendentes.

Durante pesquisa no âmbito nacional sobre gênero, trabalho e família, Araújo e Scalón (2005) pontuaram que, atualmente, são flagrantes as mudanças nas características de composição e estruturação da família, expressas na diversidade das formas de conjugalidade; alterações no funcionamento, dinâmicas e hierarquias, que se tornaram menos rígidas, produzindo novas formas de interação nas relações de gênero e entre gerações. As autoras assinalam a conexão entre estas relações sociais, salientando vínculos estreitos entre estruturação e reprodução da família e lugares ocupados por homens e mulheres na vida social. Prosseguindo, elas referem que ao longo da história, na estruturação destes vínculos, o padrão identificado como característico

e dominante no tempo e no espaço é a existência de relações de gênero marcadas por uma hierarquia entre os sujeitos – estando os homens em posição dominante (Araújo & Scalón, 2005).

No que tange à criação dos filhos, Andolfi (2002) afirma que o desentendimento do casal neste quesito, tanto com relação a como criar quanto às expectativas com relação ao futuro deles, pode gerar estresse “para os cônjuges cuja cultura e família pertençam ao velho mundo” (p. 158). Prosseguindo, o autor coloca que, no casamento intercultural a interação com as atitudes culturais em relação à descendência, com frequência embasa a atribuição dos filhos ao grupo de só um dos pais. Assim, uma cultura dominante reagrupa etnias e culturas diversas trazendo repercussões diretas sobre a identidade dos filhos frutos destas uniões.

A paciente A experimentou o conflito com a lealdade familiar ao contrapor-se ao legado de premiar o filho homem com a posse de terras, deixando que a filha as adquirisse através do futuro esposo. Em terapia, percebeu que todo o desconforto sentido dizia respeito a seu ímpeto de “fazer diferente dos pais”. Corroborando com o relato desta paciente, Krom (2000) cita que o que nos foi legado desempenha poderosa influência durante toda a nossa vida, mencionando estes conteúdos como lealdades invisíveis, como expectativas já estruturadas diante das quais as pessoas assumem compromissos.

Krom (2000) lembra que o *Mito da Propriedade* é o primeiro significado atribuído à família, que muitas vezes se torna o sentido predominante na mesma, representando assim o que a autora denomina *Mito Espinha Dorsal*, que teria o papel mais importante, pois determina a estrutura da família, suas formas de agir e de atribuir signifi-

ficado. Os demais mitos encontrados seriam considerados *Mitos Auxiliares*, por se delinarem com o passar do tempo, ajustando-se ao *Mito Espinha Dorsal* como pautas complementares.

Em um contexto de famílias imigrantes, como é o caso da cultura germânica característica dos colonizadores da localidade na qual ocorreu o estudo, pode-se reconhecer as repercussões e a trajetória percorrida para a construção dos mitos, como no relato da paciente A que se inquietava pelo fato de não ter adquirido posse da terra onde passou a coabitar com o companheiro após o recasamento. Já a paciente B referia certa mágoa do pai por sempre reportar-se ao fato dela não haver casado e adquirido “posses”. Ambas perceberam na análise de sua história familiar que tal fato possuía estreita relação com os fenômenos inter e transgeracionais de suas famílias, no que tange à questão da propriedade e da conquista.

Na época das colônias, no Brasil, era flagrante uma situação específica: “os indivíduos se apropriavam ou se deixavam apropriar”, visto que a sociedade era dividida em escravos e senhores, sendo então a luta pela subsistência indissociável desse contexto. Assim, “a preservação do patrimônio capitalizava a força de todos os membros da família” (Krom, 2000, p. 53). Também dentro do ideário imigrante, o *Mito da União*, de extrema força homeostática, sustenta-se na vivência dos imigrantes, onde era preciso estarem unidos como forma de garantir a própria sobrevivência. Esta construção de significado denota o objetivo de “assegurar o pertencimento e a manutenção dos padrões afetivos na família” (p. 32). O *Mito da União* pode configurar-se em outros núcleos de sentido, ganhando identidades próprias, como o *Mito da Religião*, que auxilia e fortalece o *Mito da União*: “Nossa família é toda evan-

gética”, sendo esta a religião prevalente deste povo (p. 33).

Por fim, Krom (2000) apresenta o *Mito da Autoridade* que aparece com bastante frequência entre famílias imigrantes, pois funcionaria como auxiliar ao Mito da Propriedade e da União, por se entender que “para manutenção da propriedade é necessário que a família trabalhe unida e que todos respeitem uma hierarquia de autoridade” (p. 34). Na trilogia do escritor Erni Engellman (2007), morador do Vale do Paranhana, encontram-se registros fotográficos de homens, mulheres e crianças de famílias imigrantes alemãs atuando no trabalho braçal em suas propriedades. Também a produção discursiva das pacientes de origem germânica traz passagens de “trabalho pesado em família”.

Sendo assim, os imigrantes que “vieram fazer a vida” no Brasil, tinham como projeto a conquista, desbravando e empreendendo os contextos onde se inseriam. Neste prisma, os imigrantes se utilizavam de todos os meios a seu dispor para atingir o fim a que se propunham, o que justifica a construção e propagação do *Mito da Conquista*, “nesse mesmo sentido dado à vida, preservado no tempo pelas famílias” (Krom, 2000, p. 53). Seyferth (2004) traz a noção de “cultura híbrida” como uma especificidade cultural teuto-brasileira, que contém o pressuposto da duplicidade resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras.

Esse hibridismo resultaria na marginalidade de uma população ambivalente entre duas culturas (alemã e brasileira), que produziu uma terceira, quase que essencialmente rural (apesar das inserções urbanas), em conflito de lealdades dentro do Brasil

(Seyferth, 2004). A paciente B cita o preconceito pelo envolvimento amoroso com homens cuja origem não fosse imigrante, “não tivesse sobrenome”. O conceito de hibridismo cultural supõe a coexistência de atitudes e valores provenientes de duas culturas distintas, com a conseqüente possibilidade de conflitos e desajustamentos comportamentais de natureza psicológica, daí o uso da expressão “marginalidade cultural” (Seyferth, 2004, p. 149). É possível identificar a presença deste conceito no discurso das participantes do presente estudo, quando fazem referência à expressão “pelo duro” para nomear descendentes de uma união teuto-brasileira. Cabe aqui também fazer menção aos postulados da psicologia intercultural, a qual entende o objeto de estudo como diversamente construído por duas ou mais culturas em interação (DeBiaggi, Martes & Paiva, 2004).

A área que abrange os estudos interculturais e transculturais é balizada por investigações dedicadas a descrever e compreender a influência dos fatores culturais no desenvolvimento e nos comportamentos, lembrando que sua construção cultural não será igual à de origem (Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005). DeBiaggi, Martes e Paiva (2004) salientam o conceito de aculturação, o qual compreende o conjunto de processos de manutenção, rejeição e negociação das diferenças culturais. Em pesquisa realizada por Sarriera, Pizzinato e Meneses (2005), foi observado que, em determinados momentos, os imigrantes procuravam valorizar a identidade com seu país de origem, pois referiam a necessidade de sentirem-se pertencentes a algo. Segundo os autores, quando os imigrantes estavam em seu país de origem podiam não perceber algo rotineiro em sua cultura, mas quando se encontravam

distantes pareciam precisar resgatar aspectos que enfatizassem suas raízes, como, por exemplo, o estilo de música ou comidas típicas de sua terra natal. Nesse entendimento, percebemos as repercussões das culturas brasileira e alemã naquele momento histórico, narradas nas colocações das participantes deste estudo.

Groisman (2006a) salienta que, no andamento do percurso terapêutico, há maior clareza quanto às relações intrafamiliares, na medida em que os sujeitos se individualizam, permitindo maior intercâmbio com o surgimento de conflitos antes submersos. Nadalin (2007), em seu estudo sobre a reconstituição de famílias através do estudo de grupos étnicos, coloca que muitos tem se dedicado à busca de suas origens familiares, garimpando dados biográficos, demográficos e genealógicos. Ao usar a óptica intergeracional, Krom (2000) menciona que, acompanhando a trajetória de muitas famílias através de suas histórias por 80 a 120 anos, encontra-se o relato que já é conhecido e se perpetua no tempo: dificuldades no relacionamento pais/filhos, maridos/esposas, famílias de origem e dos cônjuges.

Nos relatos da paciente B esta reteria ter aprendido com o pai que não se pode “deixar dívidas, ficar devendo”, devendo honrar compromissos assumidos e privilegiando compras que não fossem em prestações. No processo terapêutico foi trabalhada esta questão, relacionando com a sensação de dívida com o genitor, experimentada por ela. Ao final da terapia, a paciente diz estar “quites” com o pai, com quem tinha conflitos bastante acentuados.

Além destes relatos tão familiares, outras dificuldades se somam, tais como a repetição das várias modalidades que vão desde a violência doméstica, drogadição até a depressão (Krom,

2000). Aspectos como alcoolismo e violência doméstica são também referenciados nos relatos dessas pacientes aqui analisadas, face a expressões de agressões verbais, emprego de castigos físicos, violência psicológica e figura masculina (paterna) envolvida com álcool.

Já quando o adoecimento assombra e une o grupo familiar, conforme Lisboa e Féres-Carneiro (2005), a doença do corpo do sujeito possui uma representação dolorosa e real, denunciando uma possibilidade de transformação da história familiar patológica. Este trecho pode ser ilustrado com o ocorrido no caso da paciente B, que após compor uma carta ao pai – figura marcada por conflitos transgeracionais em sua vida familiar – conseguiu expressar o conteúdo escrito junto ao leito hospitalar, quando o pai adoeceu gravemente. Quando da sessão de alta no processo terapêutico desta paciente, ela trouxe consigo uma foto do pai, trajando vestes militares – mantendo o semblante rígido que marcava também seu modo de conduzir a família. No verso havia a inscrição: “És um anjo que Deus me enviou para dar-me a paz que tanto busquei” – mensagem destinada à mãe. Isto possibilitou uma reflexão acerca dos sentimentos do pai por sua mãe, dos episódios em a paciente lembrava-se do pai sendo ríspido com a mãe, mas que a partir da mensagem na foto podia perceber que este nutria sentimentos de afeto por ela, contudo, tinha uma expressão emocional muito empobrecida. É a percepção da paciente que muda o sentido e os sentimentos cultivados pelos seus familiares, impactando intensamente na forma como ela vive o presente.

Como mencionado anteriormente, o primeiro significado atribuído às famílias no contexto colonial brasileiro seria o de instituição moral e social em detrimento ao seu caráter sentimental

(Krom, 2000). Isso demonstra que estas construções podem ser referendadas pelos elementos culturais em que as famílias se estabelecem e se desenvolvem. No fechamento da psicoterapia, a paciente B leu uma mensagem que dizia: “*Embora não possamos voltar atrás e fazer um novo começo, podemos começar agora e fazer um novo fim.*” Refletiu-se sobre a passagem, lembrando como em algumas sessões havia o desejo de que as coisas tivessem sido diferentes e a culpa por não poder mudar o passado. Estes excertos ilustrativos elucidam importantes repercussões dos aspectos transgeracionais nas famílias de origem germânica, como a rigidez e a dificuldade de expressão dos sentimentos.

Hillebrand (2006) afirma que a cultura dispensa o que não tem função e, sendo assim, a manutenção desta tradição possui um conteúdo explícito ou implícito de transmissão de valores. Como se vê, os mitos familiares são constituídos por diversos fatores culturais, sendo que também passam por transformações com o passar dos anos. Desta forma, torna-se difícil a sua definição, já que são produzidas em determinada época e cultura, mas que se fazem presente na construção da pessoa, assim como de seus vínculos sociais (Gabel, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de elementos constitutivos da prática clínica é sempre passível de ser ampliada e reconstruída a partir de novos olhares para antigas narrativas. Contudo, percebeu-se neste relato de experiência a riqueza de produções compreendidas pelas pacientes, descendentes da cultura germânica, inseridas no contexto regional analisado. Nesse sentido, é importante destacar que os casos aqui descritos referem-se à imi-

gração alemã ocorrida no século XIX no interior do Rio Grande do Sul, com suas especificidades históricas e regionais, aspectos que seguramente diferenciam de outros processos migratórios dessa descendência cultural. Os objetivos para com a imigração, a realidade que encontraram no Rio Grande do Sul, aspectos climáticos, momentos históricos do Brasil e da Alemanha são elementos constitutivos das especificidades deste processo.

Desta forma, conhecendo esse movimento entre passado e presente, através da historicidade dos sujeitos, o terapeuta familiariza-se com a forma como estes compuseram seu acervo psíquico. Assim, a compreensão do sujeito deve revisitar a interação entre as gerações e a organização social nas comunidades para onde migraram se estabeleceram e construíram suas relações e seus significados.

As vozes familiares que ecoam em nossa subjetividade, nos lembrando de nossas origens, fazendo pensar no que o destino nos reserva, podem encontrar na psicoterapia um espaço para construção de novas narrativas e de reorientação das concepções de mundo dos sujeitos e de suas famílias. Ademais, entende-se que atender às demandas onde se insere o profissional de Psicologia envolve o entendimento do universo histórico-cultural das pessoas, desbravando os contextos onde se estabelecem os indivíduos, compreendendo a maneira como formaram seu mundo interno, construindo saberes e lapidando a história – passada, presente e futura.

Dentre os materiais clínicos mencionados ao longo do presente artigo é flagrante a influência de alguns mitos (Krom, 2000) comuns entre as participantes, visto que abarcam em sua essência uma estreita relação com famílias imigrantes que vivem da propriedade e da manutenção da terra. Dessa for-

ma, evidenciam-se resquícios claros do Mito da Conquista e da Propriedade, configurados pelos interesses voltados para a terra, com fins de conservação e manutenção do poder. Também o Mito da União aparece bastante ligado ao Mito do Cuidado, onde a estrutura de lealdade da família de origem germânica preconiza aproximação, enfrentando a vida e suas dificuldades com união, ajuda e cuidado pelos familiares.

Os Mitos relacionados à retidão de caráter, pautando a vida na honestidade e no empenho profissional, são elementos também identificados nas narrativas das pacientes. O que impactará se a influência dos aspectos da mitologia familiar será terapêutica ou conflitante na psicoterapia serão, por exemplo, rigidificação de certos conteúdos e a dificuldade de diferenciação da família de origem durante períodos cruciais do ciclo vital.

Ao conceituar as relações de gênero enquanto construção social arraigada na cultura e impregnada nos processos de aprendizado formais e informais, notou-se esta relação bastante aparente, sendo que todas as participantes deste estudo referiram certo desconforto ao experimentar papéis entremeados por funções que tradicionalmente estavam vinculadas aos homens (como trabalhar para sustentar os filhos, gerenciar as finanças etc.). Este aspecto pode se justificar nas expectativas delineadas transgeracionalmente com relação à atuação masculina na estrutura familiar.

Outro aspecto que caracteriza as participantes de origem germânica faz menção ao empreendedorismo retratado na busca por colocação e sucesso profissional, aspecto que impactava intensamente na autoexigência e determinação frente à profissão, aspecto, por vezes, propulsor de sofrimentos.

Através do atendimento das referidas pacientes pôde-se vislumbrar com

clareza as repercussões da cultura no espaço psicoterapêutico. Questionamentos acerca dos aspectos culturais arraigados como “leis” imutáveis mostraram-se libertadores para as histórias das mulheres aqui comentadas. Compreender a origem de certas “regras” sociais e o sentido que fazia nos séculos passados para o povo imigrante naquela realidade autorizou a emancipação e construção de novas histórias. A própria busca por psicoterapia por essas mulheres abriu um espaço para falar sobre o que sentiam, assim como para aceitar ajuda, aspectos que auxiliaram na ampliação das suas redes sociais pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDOLFI, M.** (2002). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- ARAÚJO, C.; SCALON, M. C.** (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- AZAMBUJA, C.; SESTREN, S. V.** (2004). *Cultura alemã e gênero: questões psicossociais envolvidas na construção de gênero feminino em Blumenau*. 2004. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional de Blumenau. Blumenau. Disponível em: <www.bc.furb.br/docs/MO/2004/284453_1_1.pdf> Acesso em: 20 abr. 2010.
- CAMPEZATTO, P. V. M.; NUNES, M. L. T.** (2007). Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 20 (3), 376-388.
- DEBIAGGI, S. D. D.; MARTES, A. C. B.; PAIVA, G. J.** (2004). *Psicologia, imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DI NICOLA, V.** (1998). *Um estranho na família: cultura, famílias e terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- DINIZ, C. F. N.; ROMAGNOLI, R. C.** (2008). As narrativas do jovem e sua família: articulando a terapia familiar sistêmica à orientação profissional. *Revista Pensando Famílias*, 12 (2), 73-91.
- ENGELMANN, E.** (2007a) *A Saga dos Alemães I - Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*.
- ENGELMANN, E.** (2007b) *A Saga dos Alemães III - Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*.
- FALCKE, D.; WAGNER, A** (2005). A Dinâmica Familiar e o Fenômeno da Transgeracionalidade: definição de conceitos. In: A. Wagner (Org.) *Como se Perpetua a Família? A Transmissão dos Modelos Familiares* (pp. 25-45). Porto Alegre: Edipucrs.
- GABEL, C. L. M.** (2002). *Mitos familiares e escolha profissional: um estudo junto aos estudantes do curso de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau com descendência germânica*. 2002. 112f. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) - Curso de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- GROISMAN, M.** (2006a). *Família Trama e Terapia: a responsabilidade repartida*. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas.
- _____. (2006b). *Família é Deus: descubra como a família define quem você é*. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas.
- GRYBOVSKI, D.** (2007). Colonização e Empreendedorismo: Uma Análise Histórico-Social da Região Colonial no Rio Grande do Sul e sua Importância no Estudo das Empresas Familiares Industriais [Resumo]. *Caderno de Resumos do II Seminário de História Regional: Imigração, colonização e movimentos sociais*, Editora UPF, 34.

- GUEDES, C. R.** (2006). A supervisão de estágio em psicologia hospitalar no curso de graduação: relato de uma experiência. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26(3), 516-523.
- HENRIQUES, M. I. G.; Gomes, I. C.** (2005). Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. *Psychê*, 9(16), 183-196.
- HILLEBRAND, M.** (2006). *Cantos tradicionais: uma leitura da cultura germânica*. 101f. (Dissertação Parcial para o Título de Mestre) – Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-10-17T144824Z-46/Publico/dissertacao%20Marcia%20Hillebrand.pdf> Acesso em: 05 mai. 2010.
- KROM, M.** (2000). *Família e Mitos - Prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus Editorial.
- KRUGER, L. L.; WERLANG, B. S. G.** (2008). O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. *Aval. psicol.*, 7(3), 415-426.
- LINARES, J. L.** (2008). A Personalidade e Seus Transtornos Sob uma Perspectiva Sistêmica. *Revista Pensando Famílias*, 12(2), 27-46.
- LISBOA, A. V.; FÉRES-CARNEIRO, T.** (2005). Quando o adoecimento assombra e une o grupo familiar. *Revista de Psicanálise*, 18(184), 40-48.
- NADALIN, S. O.** (2007). Reconstituir famílias e demarcar diferenças: virtualidades da metodologia para o estudo de grupos étnicos. *Rev. Bras. Estud. Popul*, 24(1), 5-18.
- NETO, O. D.; FÉRES-CARNEIRO, T.** (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 133-141.
- PIVA, A.** (2008). A Fragilidade do Símbolo e a Transmissão Transgeracional. *Revista Contemporânea – psicanálise e transdisciplinaridade*, 7, 74-85.
- SCOTT, J. W.** (1995). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, 20(2), 71-99.
- SARRIERA, J. C.; PIZZINATO, A.; MENESES, M. P. R.** (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 5-13.
- SEYFERTH, G.** (2004). A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horiz. antropol.*, 10(22), 149-197.
- SCHNEIDER, S.** (2004). O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: Costa, A. B.; Passos, M. C. (Org.). *Indústria de calçados no Rio Grande do Sul* (pp.25-49). São Leopoldo: Editora Unisinos.
- SLUZKI, C.E.** (2006) *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- STREY, M. N.** (2007). Família e sociedade. In: Strey, M. N., Neto, J. A. S., Horta, R. L. (org.) *Família e Gênero* (pp.17-38). Porto Alegre: Edipucrs.
- TELFNER, U.** (2007). O trabalho com imigrantes na Itália: da psicoterapia à clínica intercultural. *Pensando Famílias*, 11(2), 123-140.
- TOMM, K.** (1988). Interventive interviewing's Part III. Intending to ask circular, strategic, or reflexive questions? *Family Process*, 27(1), 1-15.
- ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A.** (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: WAGNER, A. (Org.) *Como se Perpetua a Família? A Transmissão dos Modelos Familiares* (pp.47-65). Porto Alegre: Edipucrs.